

A representação da mulher na cultura digital: Uma análise semiótica dos episódios Nosedive e Joan is Awful de Black Mirror

Alcioni Galdino Vieira

Professora Adjunta do Departamento Acadêmico de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, Londrina; Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP

E-mail: alcionig@utfpr.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-0876-2594>

Acauã Galdino Vieira Silva

Psicólogo clínico; Mestre em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela PUC-SP; Graduado em Psicologia pela Universidade de Marília

E-mail: galdinao@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3254-1007>

RESUMO

Este artigo propõe uma análise semiótica da representação da mulher em ambientes tecnomidiáticos, a partir dos episódios Nosedive (2016) e Joan Is Awful (2023), da série Black Mirror. A pesquisa fundamenta-se na teoria dos signos de Charles Sanders Peirce e dialoga com os estudos feministas e da cultura midiática, com o objetivo de examinar como signos visuais, narrativos e performativos participam das construções discursivas do feminino sob condições de vigilância algorítmica, hipere Exposição e automatização da imagem. Em Nosedive, analisa-se a performance social de uma protagonista condicionada por um sistema de reputação digital, cujos signos visuais e comportamentais revelam uma lógica de controle normativo disfarçada por uma estética de bem-estar compulsório e afetividade performada. Essa positividade obrigatória, articulada a sistemas de ranqueamento e validação pública, opera como instrumento de docilização subjetiva e mascaramento das estruturas coercitivas sob a aparência de escolha individual. Já em Joan Is Awful, observa-se a captura das vivências por algoritmos narrativos, que convertem a identidade da personagem em objeto de simulação e consumo, retirando seu controle em relação à própria imagem, em prol do entretenimento. A articulação entre a semiótica peirceana e a crítica feminista permite interpretar como a cultura digital reconfigura as representações de mulheres por meio de processos sógnicos ambíguos, regulados por convenções sociais e dispositivos técnicos. A comparação entre os episódios evidencia transformações nos modos de construção audiovisual de identidades femininas e aponta estratégias narrativas as quais sugerem rupturas possíveis frente à domesticação tecnológica da imagem da mulher.

Palavras-chave: Representação da mulher. Semiótica peirceana. Cultura digital. Black Mirror. Estudos feministas.

1 INTRODUÇÃO

A série Black Mirror (Brooker, 2011–2025), ao adotar o formato antológico, oferece um panorama crítico das tecnologias digitais e de suas implicações socioculturais, funcionando como um laboratório ficcional das tensões contemporâneas entre subjetividade, controle e mediação. Por meio da ficção especulativa, a série dramatiza futuros plausíveis que, embora aparentemente distantes, refletem estruturas de poder já presentes no cotidiano, especialmente aquelas relacionadas à vigilância algorítmica, ao culto à

imagem, à inteligência artificial e à espetacularização da intimidade.

Este artigo propõe uma análise semiótica da representação da mulher em dois episódios paradigmáticos: *Nosedive* (3ª temporada, 2016) e *Joan Is Awful* (6ª temporada, 2023). Ambos oferecem críticas contundentes às formas pelas quais as tecnologias midiáticas participam da produção e do controle simbólico do feminino, embora sob abordagens distintas. Enquanto *Nosedive* explora uma sociedade obcecada por reputações digitais e validação social compulsória, revelando os efeitos da gamificação das relações afetivas e da performatividade de gênero nas redes sociais, *Joan Is Awful* atualiza esse debate ao tematizar a dissolução da autoria subjetiva em meio à automatização algorítmica e à simulação midiática da vida cotidiana, apresentando uma protagonista cujas experiências são apropriadas e reencenadas sem consentimento por uma inteligência artificial.

Ambos os episódios constroem regimes de visibilidade que incidem diretamente sobre corpos, comportamentos e narrativas femininas, revelando os mecanismos pelos quais a tecnomídia atualiza dispositivos históricos de dominação. A partir da teoria dos signos de Charles Sanders Peirce, especialmente a tríade ícone, índice e símbolo (Peirce, 2000), em diálogo com a crítica feminista (Butler, 2018, 2003; McRobbie, 2020, 2009; Banet-Weiser, 2018) e os estudos da cultura visual (Barthes, 1991; Santaella, 2003, 2001, 2000; Sibilia, 2012, 2008), investiga-se como a linguagem audiovisual mobiliza signos para representar, controlar ou tensionar a construção identitária da mulher na cibercultura.

Partimos da hipótese de que *Black Mirror*, ao construir narrativas do feminino por meio de processos sógnicos marcados por ambivalência, explicita a imbricação entre tecnologias digitais e normas socioculturais de gênero. Ao comparar *Nosedive* e *Joan Is Awful*, buscamos evidenciar não apenas a coerência temática da série, mas também os deslocamentos históricos e tecnológicos que marcam a forma como o audiovisual participa da (re)configuração das identidades femininas no contexto tecnocultural contemporâneo.

Ao reconhecer que os episódios analisados dramatizam tensões sociotécnicas ligadas à vigilância, performatividade e estetização das representações da mulher em ambientes digitais, torna-se necessário situar este estudo no contexto mais amplo das pesquisas já realizadas acerca de *Black Mirror* e suas implicações de sentido. Diversos trabalhos vêm explorando o potencial crítico da série como espelho das ansiedades contemporâneas em torno da tecnologia, da cultura de dados e das novas formas de subjetivação.

A fim de sustentar teoricamente essa análise, é fundamental examinar os principais estudos que têm se debruçado sobre a série *Black Mirror* e suas representações tecnoculturais. A seguir, mapeiam-se contribuições acadêmicas recentes que abordam diretamente a série, ou os episódios em foco, discutindo a articulação entre mídia, gênero, subjetividade e tecnologia. Esse panorama crítico fornece as bases conceituais necessárias para compreender a complexidade dos signos audiovisuais mobilizados pela série e os modos pelos quais ela projeta e problematiza as construções simbólicas do feminino na era digital.

2 ESTADO DA ARTE

A série Black Mirror tem sido objeto de análise em diversas frentes acadêmicas, especialmente no campo dos estudos de mídia, cultura digital, semiótica e teorias de gênero. Sua abordagem distópica e especulativa acerca das tecnologias contemporâneas permite uma leitura crítica dos processos de subjetivação mediados por dispositivos algorítmicos, tornando-se um corpus privilegiado para compreender as relações entre identidade, vigilância e performatividade na tecnocultura.

Pesquisadores têm explorado, particularmente, o modo como a série representa as transformações da identidade feminina diante das exigências de visibilidade, controle emocional e mercantilização da intimidade. Angela Cirucci (2020), em seu capítulo de livro *Digitally natural: gender norms in Black Mirror*, analisa Nosedive e conclui que o episódio naturaliza as normas de gênero por meio da repetição de performances reguladas por plataformas digitais. Sua abordagem, fundamentada em Michel Foucault e Judith Butler, evidencia a forma como os sujeitos, especialmente mulheres, internalizam os códigos de conduta algorítmica sob o disfarce de uma suposta liberdade do indivíduo.

Nessa mesma direção, o artigo publicado na revista *Camera Obscura*, *Wages for face-work: Black Mirror's Nosedive and digital labour* (Greer, 2012), analisa o episódio enquanto uma crítica ao trabalho emocional exigido pelas redes sociais. A autora articula elementos do feminismo marxista para demonstrar que a performance de afetos positivos e de aparência impecável, como realizada pela protagonista Lacie, constitui uma forma de trabalho explorado e precarizado, atravessado por lógicas neoliberais de autoaperfeiçoamento constante.

No campo dos estudos de gênero e tecnologia, o artigo *Through the Black Mirror: discourses on gender and technology in popular culture* (Modugno; Krijnen, 2020), publicado no *Catalan Journal of Communication & Cultural Studies*, aborda a série como reflexo e crítica das tensões entre agência feminina e sistemas de mediação tecnológica. Os autores analisam representações de personagens femininas em situações-limite, colocadas ora como vítimas de dispositivos de controle, ora como figuras de resistência simbólica.

Ainda nesse escopo, o artigo *Gender, society and technology in Black Mirror* (Moody, 2018) propõe uma leitura interseccional das narrativas da série, e revela as formas de interação entre gênero, classe e dimensões da racialização nas representações ficcionais da era digital. A análise enfatiza que as mulheres não são apenas alvo de vigilância, mas também constituem corpos frequentemente instrumentalizados para fins tecnológicos e narrativos, reiterando padrões de feminilidade regulados por olhares midiáticos.

No que diz respeito à estética e aos mecanismos semióticos, o estudo *Semiotic representations of neoliberal dystopia in Black Mirror* (E; Tan, 2023) identifica na série a construção de um imaginário distópico ancorado em códigos narrativos e imagéticos os quais sustentam a crítica à sociedade de controle. Os autores evidenciam as formas de construção de sentido acionadas por signos audiovisuais, o que permite

compreender as implicações culturais e subjetivas da representação feminina na série.

Outro estudo relevante é *The rose-colored world of Black Mirror's Nosedive: color and gendered expectations of social credit systems* (Mendel, 2023), o qual analisa a paleta cromática do episódio enquanto elemento importante para sustentar um modelo de gênero regulado por convenções midiáticas e tecnológicas. Essa análise contribui para compreender como a estética visual, longe de ser neutra, está implicada na normatização dos afetos e das performances de gênero.

Por fim, a obra *The cyborg re-manifested: Black Mirror, cyberfeminism and genre hybridity* (Martin; McIntyre, 2019) propõe uma leitura dos episódios da série sob a perspectiva do ciberfeminismo, retomando Donna Haraway para compreender as figuras femininas em contextos híbridos de controle e resistência. A personagem Joan, do episódio *Joan Is Awful*, em sua versão digitalizada e espetacularizada, representa uma metáfora do ciborgue contemporâneo, isto é, um corpo entre interfaces, cujo poder simbólico reside tanto na vulnerabilidade quanto na possibilidade de ruptura com os códigos dominantes.

Em conjunto, esses estudos fundamentam uma leitura crítica e semiótica de *Black Mirror*, obra capaz de desvelar, por meio da ficção, os mecanismos de subjetivação da contemporaneidade. Tais aportes teóricos mostram-se relevantes para a análise dos episódios *Nosedive* e *Joan Is Awful* aqui proposta, pois oferecem embasamento consistente para investigar as representações da mulher no audiovisual em contextos mediados por tecnologias digitais.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A semiótica de Charles Sanders Peirce compreende todo pensamento como um processo sógnico estruturado na relação triádica entre representamen, objeto e interpretante. Essa categorização distingue os signos segundo sua qualidade (primeiridade), sua relação factual (secundidade) e sua generalidade ou convenção (terceiridade), desdobrando-se nas categorias de ícone, índice e símbolo (Peirce, 2000). No campo audiovisual, essa tipologia permite interpretar como imagens em movimento constroem sentidos que ultrapassam a mera representação imagética.

A teoria peirceana, ao destacar a centralidade do interpretante no processo de significação, oferece uma ferramenta analítica coesa para desvelar as múltiplas camadas de sentido presentes nas narrativas audiovisuais. A tríade ícone-índice-símbolo permite analisar diferentes níveis de construção semiótica: os ícones, por meio da semelhança visual com padrões estéticos dominantes da cultura digital e da celebridade; os índices, na forma de signos corporais ou tecnológicos os quais denunciam estados de exaustão e alienação; e os símbolos, representados por elementos convencionais como contratos, pontuações e regras tácitas que regulam o comportamento das personagens. Ao articular esses três modos de significação, a abordagem peirceana possibilita uma leitura crítica dos mecanismos sógnicos que sustentam a lógica de controle e performatividade nas tramas analisadas.

Barthes (2009) contribui com esse escopo ao examinar os sistemas imagéticos por meio da distinção entre denotação e conotação. Para o autor, a articulação da conotação enquanto senso comum naturalizado constitui um processo ideológico, na medida em que mascara os códigos culturais, apresentando-os como verdades evidentes. Essa operação é fundamental para compreender de que modo produtos midiáticos, a exemplo de *Black Mirror*, constroem narrativas que veiculam representações sociais sob a aparência de neutralidade. A retórica da imagem organiza o olhar do espectador segundo códigos culturais e afetivos que orientam e modulam as interpretações, ativando sentidos historicamente situados, mas apresentados como naturais.

Somam-se ao referencial semiótico os aportes da crítica feminista. McRobbie (2009) desenvolve o conceito de pós-feminismo como regime discursivo que aparenta empoderamento enquanto reatualiza valores tradicionais de subordinação feminina, sobretudo através das mídias culturais. Butler (2003) propõe uma leitura da identidade de gênero no sentido de performatividade, construída por meio de atos reiterados, regulados por normas sociais.

No episódio *Nosedive*, a performatividade manifesta-se na obrigatoriedade de representar um eu ajustado às expectativas sociais, por meio de comportamentos e aparências cuidadosamente calibrados para obter aprovação pública. Essa lógica sustenta o que Butler (2003) define como performatividade de gênero: a repetição de atos sociais normativos que constroem a identidade. No contexto da narrativa, isso se traduz em uma encenação compulsória da positividade, na qual sorrir, agradar e demonstrar entusiasmo constante são exigências sociais mediadas por plataformas digitais. Trata-se de uma performance sustentada menos pela espontaneidade e mais pela vigilância e necessidade de validação contínua nas redes. Em *Joan Is Awful*, por sua vez, a crítica feminista evidencia o esvaziamento da agência subjetiva: a protagonista é convertida em produto audiovisual, encarnado por uma celebridade e manipulado por inteligências artificiais. A atuação de Salma Hayek como avatar de Joan sublinha o simulacro e a estetização da identidade, alinhando-se à crítica de Baudrillard (1991), segundo a qual vivemos uma era em que as representações substituem a experiência.

A semiótica peirceana, articulada à crítica feminista e aos estudos de mídia, permite investigar como os signos constroem (e destroem) subjetividades femininas no audiovisual. Os episódios analisados revelam dispositivos simbólicos que não apenas reproduzem discursos de poder, mas também ocultam-se sob a aparência de escolha individual, inovação tecnológica ou entretenimento.

4 METODOLOGIA

Adotou-se uma abordagem qualitativa, com base na análise semiótica de produtos audiovisuais. O corpus foi composto por dois episódios da série *Black Mirror*: *Nosedive* (2016) e *Joan Is Awful* (2023), ambos selecionados por sua centralidade na problematização das representações das mulheres em contextos

mediados por tecnologias digitais.

O procedimento metodológico articulou a teoria de Peirce com a crítica feminista contemporânea, a fim de interpretar os signos que estruturam as representações da mulher na cultura digital. A semiótica peirceana compreende o signo como um fenômeno triádico, constituído pela relação entre o representamen (aquilo que representa algo), o objeto (aquilo que é representado) e o interpretante (o efeito produzido na mente do intérprete). Essa concepção enfatiza que o sentido não está fixado no signo em si, mas emerge no processo contínuo de interpretação e reinterpretação.

Para fins analíticos, a pesquisa adotou a tipologia clássica de Peirce, que distingue os signos quanto à sua relação com o objeto: os ícones, que representam por semelhança formal ou qualitativa; os índices, que mantêm uma relação de contiguidade e causalidade com o objeto; e os símbolos, cuja significação depende de convenções sociais e hábitos interpretativos (Peirce, 2000). Essa classificação permitiu examinar, de forma sistemática, os modos de construção de sentidos nos episódios Nosedive e Joan Is Awful, por meio de elementos visuais, sonoros e narrativos, inseridos em sistemas de regulação simbólica, controle afetivo e performatividade de gênero.

Em diálogo com a base semiótica, mobilizou-se um referencial feminista crítico, fundamentado nas contribuições de autoras como Butler (2018, 2003), McRobbie (2009, 2020) e Banet-Weiser (2018). Vertente teórica que possibilitou compreender a forma com que as tecnologias midiáticas contemporâneas reatualizam desigualdades de gênero sob a aparência de inovação e autonomia, reforçando estéticas da intimidade e regimes de visibilidade que modelam o corpo feminino como objeto de controle e consumo. A articulação entre semiótica e crítica feminista permitiu, assim, não apenas identificar a natureza dos signos mobilizados, mas também interpretar os efeitos de sentido que eles produzem na representação das mulheres em contextos digitais mediados por algoritmos e plataformas.

Cada episódio foi segmentado em sequências-chave, com atenção à presença e interação dos signos visuais, sonoros e narrativos. Os elementos identificados foram classificados segundo a tipologia peirceana, com ênfase para a tríade ícone, índice e símbolo, a fim de elucidar os mecanismos sógnicos os quais constroem representações, controlam performances ou sugerem resistências.

Em Nosedive, a análise concentrou-se na estética pastel e simétrica, a qual atua como conjunto de ícones da positividade digital; nos sintomas físicos da personagem diante da queda reputacional, interpretados como índices de colapso emocional e social; e no sistema de pontuação, compreendido como símbolo normativo que associa docilidade à promessa de sucesso. Já em Joan Is Awful, observou-se a duplicação da personagem por uma atriz de ampla projeção midiática, cuja encenação constrói um ícone distorcido de sua identidade. Também foram analisados os sintomas de alienação e o monitoramento constante, que funcionam como índices de expropriação da experiência vivida. Destacou-se o papel do contrato de cessão de dados e dos algoritmos narrativos como símbolos, no sentido peirceano, pois operam

com base em convenções estabilizadas que sustentam um regime de dominação algorítmica.

Por fim, considerou-se a recursividade metanarrativa enquanto elemento metodológico: a autorreflexividade dos episódios abriu espaço para uma leitura crítica relacionada ao próprio dispositivo audiovisual e suas implicações éticas. A análise semiótica, ao entrelaçar-se com os estudos culturais e feministas, buscou elucidar os mecanismos simbólicos de subjetivação e vigilância que atuam sob o manto da ficção e do entretenimento.

5 ANÁLISE SEMIÓTICA DO EPISÓDIO NOSEDIVE

5.1 A ESTÉTICA DO CONTROLE: ÍCONES DE PERFEIÇÃO E FEMINILIDADE PROGRAMADA

O episódio Nosedive apresenta um universo em que a reputação pessoal é medida por pontuações digitais, e essa lógica se manifesta por meio de uma estética visual codificada: paleta pastel, enquadramentos simétricos, cenários estilizadamente limpos. Esses elementos funcionam como ícones, no sentido peirceano, de uma sociedade harmonizada sob a aparência da leveza, mas que esconde uma estrutura de vigilância contínua. Barthes (2009) nos ajuda a perceber como essa aparência naturalizada constitui uma conotação ideológica, isto é, a positividade compulsória como valor social.

A protagonista, Lacie, encarna uma feminilidade midiaticamente aceitável: branca, magra, educada, sempre sorridente. Sua imagem é construída como um ideal de empoderamento domesticado, nos termos de Banet-Weiser (2018), em que a liberdade aparente é uma atualização da docilidade. A estética visual, portanto, não apenas representa, mas performa um regime de controle por meio de signos visualmente agradáveis.

5.2 INDEXICALIDADE E COLAPSO DA PERFORMANCE

Conforme Lacie perde pontos em seu sistema de reputação, seu corpo transforma-se em superfície de inscrição da falência performativa: a maquiagem borrada, os gestos descoordenados, o olhar aflito e os trajes desalinhados constituem índices de exaustão emocional e marginalização social. Esses signos de deterioração corporal remetem à secundidade peirceana: um ponto de fricção o qual desestabiliza a continuidade interpretativa sustentada pelo sistema.

Butler (2003) afirma que o gênero é construído de maneira performativa, por repetição de atos regulados. Lacie é forçada a repetir constantemente uma versão ideal de si, até que a performance se torna insustentável. A crise de Lacie evidencia a sobreposição entre performatividade de gênero e performance digital, ambas baseadas na repetição disciplinada sob vigilância constante.

5.3 CONVENÇÕES SOCIAIS E PERFORMATIVIDADE NORMATIVA

O sistema de pontuação atua no âmbito simbólico, um contrato tácito entre os sujeitos da narrativa,

associando comportamento amável à legitimidade social. A sociedade de Nosedive vive sob um “simulacro moral” (Baudrillard, 1991), em que os números não refletem virtudes, mas a adesão às regras de agradabilidade e consumo afetivo.

Angela McRobbie (2009) destaca que o pós-feminismo reconfigura a subordinação como escolha, converte padrões opressivos em estratégias de sucesso pessoal. Essa lógica é visível no modo como as mulheres são impelidas a performar amabilidade enquanto valor de mercado. A docilidade se torna, assim, um capital reputacional.

5.4 SUSAN COMO CATALISADORA DE UM NOVO INTERPRETANTE DINÂMICO

A personagem Susan rompe com a lógica dominante. Com sua fala direta, roupas simples e recusa ao jogo reputacional, ela ativa um interpretante dinâmico (Peirce, 2000): um novo efeito de sentido que desafia a cadeia de signos estabelecida. Seu gesto reabre a semiose e desestabiliza a norma simbólica vigente.

Para Santaella (2000), a emergência de interpretantes divergentes é a base da ressignificação crítica. Susan inaugura essa possibilidade ao encarnar uma subjetividade que não se submete à lógica da validação digital. Lacie, ao seguir essa trilha, rompe com a performatividade normatizada e insere-se em um novo circuito de significação.

6 A SEMIOSE EM JOAN IS AWFUL: SIMULAÇÃO, ALGORITMOS E APAGAMENTO DA AUTORREPRESENTAÇÃO

6.1 ICONICIDADE E DISTORÇÃO DO FEMININO

Em Joan Is Awful, a protagonista é duplicada por uma celebridade que a interpreta em uma série sem seu consentimento. A imagem de Salma Hayek, interpretando Joan, tem a função de um ícone hipervisível da feminilidade glamourizada. Essa representação corresponde ao “simulacro de segundo grau” descrito por Baudrillard (1991): a imagem que simula outra imagem, eclipsando a experiência original.

A estética da personagem idealizada apaga a complexidade da mulher real, transformando sua identidade em um artefato moldado por algoritmos e expectativas de audiência. A iconicidade, nesse contexto, não busca representar, mas consumir e estetizar a subjetividade.

6.2 ÍNDICES DE CAPTURA E SINTOMAS DA PERDA DE CONTROLE

O cotidiano de Joan torna-se uma base de dados. Cada gesto, conversa e emoção é capturado como índice por sistemas automatizados, alimentando uma simulação em tempo real. Os sintomas físicos, como ansiedade, paralisia e raiva, tornam-se índices de um corpo sob regime de captura, como descreve Zuboff (2019).

Joan não apenas perde o controle sobre sua imagem: ela é esvaziada de agência. O índice, que antes conectava experiência e representação, torna-se sintoma da alienação. A secundidade peirceana aparece aqui como trauma, o choque entre a experiência vivida e sua duplicação artificial.

6.3 CONTRATOS, ALGORITMOS E CONVENÇÕES DE DOMÍNIO

O contrato digital assinado por Joan é símbolo de um pacto assimétrico, baseado em hábitos de aceitação acrítica das plataformas. No modelo peirceano, é um símbolo que regula comportamentos sociais por convenção. McRobbie (2020) aponta que esses dispositivos ancoram-se em regimes de resiliência e autoexploração consentida.

O algoritmo, nesse caso, assume a função de interpretante na semiose, decide o que deve ser narrado, como e com que finalidade. Trata-se da automatização do simbólico. A representação de Joan não é mais um reflexo de sua vontade, mas um artefato orientado por métricas de engajamento.

6.4 JOAN COMO SIGNO DE RESISTÊNCIA E RECURSIVIDADE INTERPRETATIVA

A virada narrativa ocorre quando Joan recusa sua representação automatizada. Ao invadir a sede da empresa e confrontar sua versão artificial, ela interrompe o fluxo semiótico predefinido. Sua ação instaura um interpretante final: um novo posicionamento crítico diante do sistema simbólico.

Butler (2018) propõe que a ação política performativa ocorre quando o corpo resiste à norma e inaugura novos sentidos. Joan transforma-se em signo de dissenso, articulando uma metanarrativa relacionada à ética da representação. Como em Nosedive, o gesto final rompe o simulacro e reinscreve a personagem como sujeito de sentido.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os episódios Nosedive e Joan Is Awful, da série Black Mirror, revelam, sob diferentes estratégias narrativas e estéticas, a crescente captura da identidade feminina por regimes tecnomidiáticos de controle simbólico. Ao colocar em cena protagonistas cujas existências são moldadas, performadas e eventualmente rompidas por dispositivos de visibilidade e automatização da experiência, ambos os episódios funcionam como parábolas críticas da cultura digital contemporânea.

A análise semiótica fundamentada na teoria de Charles Sanders Peirce permitiu identificar os processos sógnicos que sustentam essas narrativas: os ícones visualmente idealizados, os índices do colapso físico e afetivo, e os símbolos que institucionalizam o controle sob a aparência de neutralidade. Essa tripartição evidenciou a força do audiovisual na mobilização de signos para representar identidades femininas de modo estético, disciplinador e tecnicamente codificado. A semiótica peirceana revelou-se uma ferramenta importante de análise ao mostrar que o sentido não está nos signos isolados, mas na cadeia

interpretativa que eles mobilizam, e que pode ser desestabilizada por atos dissidentes.

A crítica feminista contemporânea, especialmente nos aportes de Judith Butler, Angela McRobbie e Sarah Banet-Weiser, aprofundou a compreensão acerca de como a performatividade de gênero se entrelaça com os regimes de visibilidade digital. Em *Nosedive*, a protagonista Lacie encarna uma feminilidade compulsoriamente afável, construída por normas internalizadas e mediada por métricas reputacionais. A estética pastel do episódio disfarça um sistema de vigilância emocional, no qual sorrir é uma obrigação e o fracasso performático é punido socialmente. Já em *Joan Is Awful*, a subjetividade feminina é esvaziada: transformada em imagem, convertida em dado, reorganizada como conteúdo. A performance de Joan é uma não-performance, pois sua identidade é apropriada e representada por um avatar glamouroso moldado por inteligência artificial.

Nesse sentido, o pensamento de Jean Baudrillard torna-se central: ambas as protagonistas são arrastadas para um mundo no qual os signos não representam mais uma realidade, mas a substituem. A vida social em *Nosedive* e a identidade em *Joan Is Awful* não estão mais ligadas à experiência, mas à sua simulação. Trata-se de um deslocamento radical da autorrepresentação para a representação algorítmica, um processo que Zuboff (2019) identifica como central ao capitalismo de vigilância.

Entretanto, a potência crítica das narrativas não reside apenas na denúncia desses mecanismos. Tanto Lacie quanto Joan operam rupturas significativas nos sistemas sógnicos que as aprisionam. Essas rupturas são possíveis porque novos interpretantes, dinâmicos e finais, emergem nos processos de leitura das experiências. Em ambas as personagens, o gesto de resistência rompe o fluxo normativo da interpretação: Lacie quebra a lógica da agradabilidade compulsória; Joan confronta a autoridade algorítmica de sua própria imagem. Suas ações, embora individuais, possuem um potencial coletivo: reintroduzem o dissenso no campo das representações.

Assim, as narrativas de *Black Mirror* analisadas neste artigo não apenas reiteram as formas pelas quais a cultura digital aprisiona a identidade feminina em sistemas semióticos domesticadores, mas também encenam a possibilidade de sua reconfiguração. As personagens femininas tornam-se metonímias de uma luta interpretativa mais ampla: a disputa pelo sentido em um mundo onde os signos são cada vez mais automatizados, estetizados e descolados da experiência vivida.

A articulação entre a semiótica de Peirce e os aportes da crítica feminista e midiática possibilitou compreender de que maneira os signos audiovisuais operam ao mesmo tempo enquanto instrumentos de dominação e campos potenciais de subversão. A semiose, entendida como processo contínuo e aberto, oferece a chave teórica para identificar tanto os dispositivos de controle quanto os momentos de inflexão simbólica. Em um cenário marcado por estetização da intimidade, espetacularização da vida cotidiana e simulação algorítmica da subjetividade, pensar os signos é também pensar a política das representações e os caminhos possíveis para sua reapropriação crítica.

REFERÊNCIAS

- BANET-WEISER, Sarah. *Empowered: Popular Feminism and Popular Misogyny*. Durham: Duke University Press, 2018.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BROOKER, Charlie. *Black Mirror*. Reino Unido: Channel 4 / Netflix, 2011–2025.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CIRUCCI, Angela. Digitally natural: gender norms in *Black Mirror*. In: CIRUCCI, Angela; VACKER, Barry (Orgs.). *Black Mirror and critical theory*. Lanham, MD: Lexington Books, 2020. p. 15-31.
- COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. Data colonialism: rethinking big data's relation to the contemporary subject. *Television & New Media* 20 (4): 336–49. 2019.
- E, M. K. L.; Tan, S. Semiotic representations of neoliberal dystopia in *Black Mirror*. *Social Semiotics*, v. 34, n. 4, p. 615–633, 2023.
- FALUDI, Susan. *Backlash: o contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres*. Rio de Janeiro, Rocco, 2001.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura do consumo e pós-modernismo*. Tradução de Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FREEDMAN, Carl. *Critical theory and science fiction*. Middleton: Wesleyan University Press, 2000.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GREER, Erin. Wages for Face-Work: *Black Mirror's* 'Nosedive' and Digital Reproductive Labor. *Camera Obscura: Feminism, Culture, and Media Studies*, v. 35, n. 3, p. 88–115, 2020.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; Hari KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- LEMOS, André. *Cibercultura*. São Paulo: Editora Sulina, 2002.
- MARTIN, Corey; MCINTYRE, Joanna. The cyborg re-manifested: *Black Mirror*, cyberfeminism, and genre hybridity. *Outskirts*, Vol.39, p.1-18, 2019.

MCROBBIE, Angela. *Feminism and the politics of resilience: essays on gender, media and the end of welfare*. Cambridge: Polity Press, 2020.

MCROBBIE, Angela. *The aftermath of feminism: gender, culture and social change*. Londres: Sage, 2009.

Mendel, Jolene. The rose-colored world of Black Mirror's Nosedive: color and gendered expectations of social credit systems. PopMeC Research Blog, 2023. Disponível em: <https://popmec.hypotheses.org/5157>. Acesso em: 12 mai. 2025.

MIRZOEFF, Nicholas. *An introduction to visual culture*. 2. ed. Londres: Routledge, 1999.

MODUGNO, Chiara; KRIJNEN, Tonny. Through the Black Mirror: discourses on gender and technology in popular culture. *Catalan Journal of Communication & Cultural Studies*, ISSN 1757-1898, v. 12, n. 1, p. 3–19, 2020.

MOODY, Douglas. Gender, society and technology in Black Mirror. 2018. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://bpb-us-el.wpmucdn.com/journeys.dartmouth.edu/dist/1/1435/files/2018/06/Gender-Society-and-Technology-in-Black-Mirror-237iydg.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Tradução, seleção e introdução de Ivã F. da Costa Marques. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ROBERTS, Adam. *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas*. São Paulo: Seoman, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Cengage, 2000.

SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibernética*. São Paulo: Paulus, 2003.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZUBOFF, Shoshana. *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.